BALDUINIA, n. 36, p. 13-29, 30-VI-2012

VIAGEM DE BALDUÍNO RAMBO AO SUDOESTE DO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 1941[1]

ARTHUR BLASIO RAMBO[2]

RESUMO

É publicado, pela primeira vez, o texto do Diário de Balduíno Rambo relativo a sua viagem ao sudoeste do Rio Grande do Sul no verão de 1941.

Palavras chave: Balduíno Rambo, Fitogeografia, Rio Grande do Sul.

ABSTRACT

[The journey of Balduino Rambo to southwest of Rio Grande do Sul state (Brazil) in the year of 1941].

The traveler's diary of Balduíno Rambo concerning to his summer vacation in the year of 1941 to southwest region of Rio Grande do Sul State is presently published, for the first time.

Key words: Balduino Rambo, Brazil, Phytogeography, Rio Grande do Sul State.

INTRODUÇÃO

O diário da primeira viagem à fronteira oeste do Rio Grande do Sul, entre os dias 9 e 18 de janeiro de 1941, mostra bem o perfil de pesquisador do Pe. Balduíno Rambo. Não é daqueles cientistas que se concentram sobre um objeto determinado e se esquecem ou ignoram o restante do mundo, argumentando a seu favor que somente pela especialização levada às últimas conseqüências é possível fazer verdadeira ciência. O autor do diário que publicamos deixa claro que o objetivo central daqueles dias de excursão científica foi dar mais um passo no inventário da cobertura vegetal, em uma região singular do Rio Grande do Sul. Para Rambo, entretanto, coletar plantas, inventariar a flora e classificá-la de acordo com as regras da Taxonomia, apenas fazia sentido com a inserção desse esforço num contexto maior.

Desde que sobrevoou o Rio Grande do Sul, convidado pelo Serviço Geográfico do Exército em 1938, o conceito de "Fisionomia", de paisagem, de Panorama, passou a representar, para o Pe. Rambo, o palco e a razão de ser de sua atividade como pesquisador, especialista em Botânica Sistemática. Por isso mesmo, as dezenas e milhares de páginas do diário em que dá conta da realização de suas investigações são grandes mapas descritivos. São 'Fisionomias', conceito por ele mesmo consagrado em sua obra mais conhecida, a "Fisionomia do Rio Grande do Sul". Nesses mapas descritivos ou na descrição das paisagens tudo interessa e os mínimos detalhes enriquecem a policromia, o caleidoscópio das "fisionomias" que descreve. Interessa a história geológica, a geografia, o clima, a fauna, a flora e, em meio a tudo isso, o homem, com suas obras, humanizando para melhor ou para pior a paisagem.

Sob muitos aspectos, o diário inédito aqui oferecido em primeira mão ao público é um retrato histórico de boa parte do Rio Grande do Sul, de há mais de sete décadas passadas. Descreve os meios de transporte, a condição das estradas, as dificuldades enfrentadas pelos viajantes, os tipos humanos representativos, a geografia humana, as povoações e cidades, a atividade econômica. Acompanham os registros descritivos reflexões que fazem entender o mo-

---

[1] Recebido em 10-5-2012 e aceito para publicação em 13-6-2012.

[2] Professor Titular Emérito da UFRGS e da UNISINOS. Pesquisador do Memorial Jesuíta (UNISINOS, São Leopoldo – RS). Irmão de Balduíno Rambo.

mento histórico e indagam pela origem, a identificação, a razão de ser e o destino daquele cenário.

Uma outra observação parece pertinente para se formar uma apreciação sobre o autor. O diário em questão revela um cientista igualmente preocupado com os detalhes, a exatidão dos dados, como datas e horários. Os dias e as horas são anotados até os minutos, o mesmo acontece com as fotografias, com os objetos fotografados e, até mesmo, com a marca do filme utilizado.

Resumindo, é lícito concluir que o diário em foco retrata o Pe. Rambo na sua fase juvenil (contava na época 36 anos), disposto a conquistar o seu espaço próprio como cientista de mente aberta para a complexidade do panorama em que importava situar o inventário da flora que se propunha fazer.

Para o leitor, cabe informar, ainda, que as notas de rodapé foram elaboradas por Arthur Blasio Rambo (ABR), José Newton Cardoso Marchiori (JNCM) e Leonardo Paz Deble (LPD).

TEXTO DO DIÁRIO

9- 1- 1941

De manhã rezei a missa em casa. Em seguida empacotei meus últimos pertences. Às sete e meia desci até o porto. Havia bastantes nuvens no céu. Não demorou a aparecer Monsenhor Marx[3]. Conversei por algum tempo com ele. Chamou-me atenção a sua maneira irrequieta de portar-se enquanto fumava um charuto. Apresentou-se, depois, um senhor de aparência estranha, com o qual conversou. O semblante do homem não me agradou. O jeito de falar e a maneira como Monsenhor Marx fumava também não me agradou. Sugeria um comportamento demasiado mundano. O vapor partiu pontualmente[4]. Acomodei-me bem no fundo e rezei o breviário. A travessia levou o tempo suficiente para quase terminar o breviário. O céu estava coberto das mais belas nuvens e uma brisa amena soprava do sul. A velha Ilha da Pólvora, com sua ruína[5], parecia uma terra solitária mal assombrada.

Em Guaíba esperava o carro (ônibus). Ocupo um lugar no canto. Trata-se de um carro leve, pequeno e acanhado. Os bancos, de tão próximos, faziam com que os joelhos ficassem prensados contra os da frente[6]. Partimos às nove horas e quinze minutos. Na minha frente viajava um casal com uma filha, ao que tudo indicava alemães, mas não falavam alemão. A filha portava-se como uma autêntica cabeça de vento. Entre Guaíba e Barra do Ribeiro predomina o terreno plano. A uma distância de dez quilômetros para o oeste erguem-se os morros de granito da Serra, cobertos de capim e mato ralo. Na planície vicejam imensas plantações de arroz. A essa altura já se observam butiás esparsos[7]. Entre outras plantas sobressaem a Hydrolea[8] e a especialmente numerosa Eichornia[9], maricá[10], figueiras[11], capins, pal-

---

3 Monsenhor Marx era, na época, o vigário geral da arquidiocese de Porto Alegre, sendo Dom João Becker o arcebispo metropolitano (ABR).

4 Na época, a travessia de pessoas de Porto Alegre a Guaíba e vice-versa era feita a vapor, enquanto a travessia de carros era feita por barcas. A ponte atual só foi construída vinte anos mais tarde (ABR).

5 Ilha alagadiça no lago Guaíba, em frente ao porto, onde foi construída a terceira Casa da Pólvora de Porto Alegre, no governo do Presidente Sinimbu (1852-1855), que funcionou apenas por um ano, devido às condições inadequadas do terreno. Ao tempo da viagem de Rambo, como bem afirmado por ele, viam-se apenas ruínas da antiga construção (JNCM).

6 Os ônibus do começo da década de 1940 não tinham corredor central, nem portas dianteira e traseira. Com laterais abertas, os bancos atravessavam o ônibus de lado a lado e os passageiros embarcavam e desembarcavam diretamente do lado de fora (ABR).

7 *Butia odorata* (Barb. Rodr.) Noblick (LPD)

8 Gênero da carqueja-do-pântano, *Hydrolea spinosa* L., espécie nativa da família Hydroleaceae; outra opção é *Anhidra anagalis* L. (Asteraceae), erva flutuante muito comum no litoral (LPD).

9 Gênero de plantas aquáticas (aguapés), com duas espécies nativas na região: *Eichhornia crassipes* e *Eichhornia azurea* (JNCM).

10 *Mimosa bimucronata* (DC.) Kuntze (Fabaceae), arvoreta comum tanto em áreas alagadiças como na orla de matas ciliares (JNCM).

meiras[12] e Terminalias[13]. A estrada não é ruim, mas a viatura não dispunha de amortecedores.

Barra do Ribeiro não passa de um lugarejo miserável. Um armazém na esquina leva o nome "Deus Ajuda" e um outro se chama "Deus te Salve".

Entre Barra do Ribeiro e Tapes a paisagem permanece a mesma. As plantações de arroz multiplicam-se. A água cobre toda a planície. Antes de chegar a Tapes passamos por uma ponte. Depois dela a estrada parece ser bem boa. Mas, num solavanco afundamos até o eixo no lodo. O arroio que passa por debaixo da ponte amolecera o dique. Desembarcamos. Armou-se, então, conhecido cenário: quase todos colaboraram; outros, parados, apenas observaram. Uma viatura pesada aproximou-se. O cabo de arrasto partiu-se. Essa função levou mais ou menos meia hora, quando um outro carro aproximou-se e nos levou até o hotel[14]. Almoçamos. Da mesa vizinha veio alguém saudar-me. Era o Helio Chagasteles, com seu bigodinho, exercendo o seu ofício de delegado de polícia do local. Continua sendo o velho sujeito de bem com a vida e, por isso, irradia simpatia. Terminado o almoço continuamos por um bom tempo num bom papo. Disse-me que, no local, não tinha muito que fazer. O vigário, Pe. Steffen, também estava por perto. Seus dentes estavam escuros de tanto fumar. Não levei boa impressão dele.

Finalmente o carro encostou e embarcamos. À uma hora e um quarto passamos pelo Velhaco[15]. A última porção da ponte está bem inclinada. Para o oeste, a Serra vai mergulhando na distância. Na planície crescem grandes quantidades de [...], Eichornias e plantações de arroz.

Às três horas entramos em Camaquã[16]. Tenho uma sede brutal e tomo uma garrafa de cerveja. O vigário do local, um salesiano de Rio Grande, veio de carro. Não gosto disso. Mas ele seguiu num outro carro. Fotografo o filme 7,1: Pedras Brancas.

Às duas horas e trinta minutos alcançamos Camaquã[17]. A viagem sem fim continua. O rio encontra-se muito acima do leito normal. Alguns carros estão parados no barranco, entre eles o do religioso. Tive a esperança de poder colecionar algumas amostras, mas terminei coletando apenas uma única planta. Atravessamos o rio. O rio corre entre vimes[18], terminalias, sarandis[19], palmeiras e Miconias[20]. Tirei fotos muito boas do rio. Os carros, do outro lado, esperam rodeados de água. O caudal de Deus enche-me de satisfação.

Pelas seis horas entramos em São Lourenço. Uma lebre dispara pelo campo. Vejo duas igrejas na cidade. Observam-se muitos rostos alemães, mas não se escuta uma única palavra em alemão. Mais para o sul tem-se uma ampla vista sobre as colônias alemãs. Por toda parte ob-

---

[11] Trata-se, muito provavelmente, de *Ficus cestrifolia* Schott (Moraceae), a popular figueira-de-folhas-miúdas ou figueira-do-litoral, árvore típica da Floresta Atlântica (JNCM).

[12] Coqueiros (ou gerivás), *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman (Arecaceae), a palmeira nativa de maior dispersão no Rio Grande do Sul (JNCM).

[13] Refere-se, certamente, a *Terminalia australis* Cambess. (Combretaceae), arvoreta abundante à margem de rios (JNCM).

[14] Essa descrição dá uma excelente idéia do que era viajar em ônibus ou, então, fazer transporte de carga por caminhões naquela época. A partir de poucos quilômetros de Porto Alegre, as estradas de chão batido cobriam-se de pó no verão e transformavam-se em seqüências intermináveis de lodaçais e atoleiros em períodos de chuvas. Não havia outra saída a não ser que os passageiros desembarcassem, tirassem os calçados, arregaçassem as calças e tentassem empurrar o ônibus para fora do atoleiro. Em casos mais complicados recorria-se a juntas de bois, uma vez que tratores eram uma raridade na época (ABR).

[15] Arroio que serve de divisa entre os municípios de Tapes e Camaquã (JNCM).

[16] Cidade de Camaquã, antiga São João de Camaquã (JNCM).

[17] Chegaram ao rio Camaquã, neste caso (JNCM).

[18] Embora nome comum para várias espécies exóticas do gênero *Salix* (Salicaceae), tais plantas não crescem naturalmente à margem de nossas matas ciliares. O autor, neste caso, refere-se a *Salix humboldtiana*, o popular salso-crioulo ou salgueiro (JNCM).

[19] Nome comum atribuído a diversas espécies reófilas; neste caso, o autor refere-se, muito provavelmente, a *Sebastiania schottiana* (Müll. Arg.) Müll. Arg., uma Euphorbiaceae (JNCM).

[20] Gênero de Melastomataceae (JNCM).

servam-se casas em estilo alemão, mas não são vistosas como no norte. Perto da estrada trabalha um casal de idade – homem e mulher. Entre os alemães a mulher trabalha junto ao homem. Na estrada cruzamos por carroças com típicas fisionomias alemãs[21]. A saudade toma conta de mim. Reflito sobre o destino do meu povo[22]. Depois de Camaquã passamos pela água na altura dos eixos. Escurece. Rostos alemães continuam presentes. Estou cansado, cansado, cansado.

Cochilo pela noite adentro. Meu Deus, eu Te procuro[23]. Somos poucos passageiros no carro.

Só depois das nove horas entramos em Pelotas. Pego um automóvel e vou até a residência[24]. O irmão abre a porta. O Pe. Scholl[25] já está dormindo. O irmão acompanha-me até o refeitório e oferece-me alguma coisa para comer. Meu primo, do mesmo nome[26], apresenta-se. Permanece sempre o mesmo. É um homem discreto, eu não. O irmão leva-me até o quarto. Dá a impressão de velho e descuidado. Durmo muito bem.

10.01.1941

Durmo até quinze para as seis, depois rezo missa na capela doméstica, ajudado pelo irmão. Disse-me depois que tinha sido a primeira oração em alemão, depois de muito tempo. Tive um encontro rápido com o Pe. Gerl[27]. De saída não reconheci aquela figura loura e silenciosa. Só mais tarde lembrei de quem era. O irmão preparou-me um excelente quebra-jejum. Dirigi-me de carro até a estação do trem onde há uma boa movimentação. Usei pela primeira vez a minha passagem. Transcorreu tudo a contento. Comprei um jornal. Já acomodado no trem e rezando o breviário apareceu o Pe. Scholl. Acompanhara o monsenhor até o trem. Ele viajaria até Bagé, graças a Deus num outro vagão. O Pe. Scholl é uma pessoa muito amável. Pensou que eu estava a passeio, o que me irritou.

O trem partiu às nove horas. Observo Opuncias[28] no campo, Bauhinias[29] e Cactos em

---

21 A colônia alemã a que o Pe. Rambo se refere é basicamente formada pelos imigrantes pomeranos trazidos pelo colonizador Rheingantz, em meados de século XIX. Predomina entre eles o elemento protestante e lá se formaram, a partir do começo do século XX, as primeiras comunidades do "Sínodo do Missouri", hoje marcando presença com o Colégio Concórdia, em São Leopoldo, e a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), em Canoas (ABR).

22 Estamos em pleno andamento da Segunda Guerra Mundial. Fazem-se evidentes os primeiros sinais de que os exércitos alemães estão perdendo o fôlego em todos os "fronts", na Rússia, no Norte da África, no Mediterrâneo e na Europa Ocidental, assim como o sucesso dos mares também dá sinais de uma virada. Principalmente com a entrada dos Estados Unidos na guerra, com todo seu poderio bélico, a situação da Alemanha começa a periclitar. É notória a afeição do Pe. Rambo, não à Alemanha nazista ou nacional-socialista, mas à Alemanha e ao povo alemão dos seus antepassados. Ao mesmo tempo, seus temores estendiam-se, também, para os descendentes dos alemães no sul do Brasil, aos quais estavam sendo impostas graves restrições à língua e aos costumes, pela Campanha de Nacionalização (ABR).

23 Essa manifestação, quase súplica, repetida ao longo do seu diário de inúmeras formas diferentes, põe às claras um Pe. Rambo, homem de fé sólida com um viés místico que acompanha como um "Leitmotiv" a sua razão de praticar Ciência, isto é, encontrar a Deus no grande livro aberto da Revelação Natural (ABR).

24 Os padres jesuítas fixaram-se em Pelotas no final do século XIX e mantiveram aí, com muito sucesso, o Ginásio Gonzaga, equiparado ao Ginásio Nacional Dom Pedro II. Encerradas as atividades com o Ginásio, os jesuítas continuam mantendo, até hoje, uma residência para padres que se dedicam a atividades sociais (ABR).

25 O Pe. Agostinho Scholl nasceu em Mannheim (Alemanha), em 1876; não confundir com o Pe. Jorge Scholl, nascido em São José do Hortêncio, que passou a maior parte da sua vida em Pelotas, no começo no Colégio Gonzaga e, depois, dedicou-se à pastoral operária, pelo restante da sua vida (ABR).

26 O Pe. Rambo refere-se aqui ao Pe. Balduíno Pedro Rambo, seu primo em terceiro grau, que trabalhava em obras sociais em Pelotas (ABR).

27 Jesuíta, nascido na Alemanha, o Pe. Herbert Gerl trabalhou como professor e capelão em Pelotas, nos anos de 1940-1942 (ABR).

28 Gênero de Cactaceae (*Opuntia* Mill.), com diversas espécies nativas na flora regional, salientando-se: *Opuntia monacantha* Haw. e *O. arechavaletai* Speg. ex Arechavaleta (JNCM).

29 *Bauhinia forficata* Link (Fabaceae), a popular "pata-de-vaca", arvoreta comum em todas as formações florestais do Estado (JNCM).

colunas[30]. À esquerda a paisagem é plana. À direita vislumbro montanhas ao longe. Pastagens e arbustos espinhentos alternam-se. Eichornias em flor cobrem os banhados. O chão é branco e no campo floresce a Ulex erpinus[31] e Euphorbia papillosa[32]. Na frente erguem-se morros cobertos de Wollsäcke[33], granitos e, no campo, pedras.

A primeira parada deu-se às nove horas e quarenta minutos, no outro lado de um arroio com densa vegetação nas margens. Observei a incidência de [...]. Mais adiante se ergue um morro de granito, encimado por uma esfinge de granito. Trata-se de Capão do Leão[34]. Muito granito branco. Foto 7,2 do moinho de pedra. Observam-se muitos pomares com ameixas, peras, figos e laranjas. Aqui já se observam casas com jardins. A pedreira estende-se por todo um lado da encosta. No campo destacam-se paineiras, palmeiras e [...] e pastam ovelhas. Wollsäcke. Mais à direita e acima uma encosta com mato fechado, entremeado com Wollsäcke: fotografia 7.14. Por todo campo espalham-se ilhas de mato de eucalipto.

Pelas nove horas e quarenta e cinco minutos alcançamos Santo Tomás. À direita, morros cobertos de mato e Wollsäcke; no campo, ilhas de mato e emas.

Às dez horas chegada em Passo das Pedras[35]. À esquerda, tudo campo. Uma bela mata virgem no Arroio das Pedras[36]. Conto nove emas. Bela lavoura de milho.

Filme 7,14: Engenheiro Ivo Ribeiro.

Às dez horas e cinqüenta e cinco minutos em Cruz[37]. À direita o arroio com "heller". Mata virgem. Muitas Tibouchinas[38] em flor e no campo Ericetum[39]. Quillaja ou [...] ao longo dos arroios. A sombra-de-touro[40] é freqüente no campo ou, talvez, Assobieiras[41]? Esta nas proximidades de Basílio.

Às onze horas e dez minutos paramos em Basílio[42]. Depois forte "Pfefferkorn"[43].

Às onze horas e quarenta e cinco minutos chegada em Herval[44]. Entre essa estação e Basílio, arbustos de [...], paisagem ondulada, muitas flores, especialmente Tibouchinas. Essa terra é um jardim de Deus, com *Schinus molle*[45],

---

30 *Cereus hildmannianus* K. Schum., a popular "tuna" (JNCM).

31 Refere-se ao tojo, *Ulex europaeus* L. (Fabaceae), arbusto lenhoso, exótico, que fugiu de cultivo em locais mais frios do Rio Grande do Sul, notadamente em pontos da Serra do Sudeste e dos Campos de Cima da Serra (JNCM).

32 Este binômio não consta no International Plant Names Index (IPNI); as espécies mais freqüentes na área são *Euphorbia portulacoides* L. e *E. selloi* Klotzsch ex Boiss. (LPD).

33 Sacos de lã, em tradução literal do alemão; neste caso, Rambo poderia estar se referindo à forma dos matacões ou grandes blocos arredondados de granito (JNCM).

34 Atual município, próximo a Pelotas (JNCM).

35 Antiga estação ferroviária (km 514), situada próximo ao Arroio das Pedras, afluente da margem esquerda do rio Piratini. Resta acrescentar que as distâncias ferroviárias, na época, eram relativas à estação de Santa Maria (JNCM).

36 Afluente da margem esquerda do rio Piratini e divisa, na época, entre os municípios de Pelotas e Canguçu (JNCM).

37 Nome de estação ferroviária, no antigo km 488 da estrada-de-ferro (JNCM).

38 Gênero da família Melastomataceae (JNCM).

39 Termo alusivo à presença conspícua de "caraguatás" (*Eryngium* L., Apiaceae) na vegetação campestre (JNCM).

40 Nome comum atribuído a duas Santaláceas nativas: *Acanthosyris spinescens* (Mart. & Eichler) Griseb. e *Jodina rhombifolia* (Hook. & Arn.) Reissek (JNCM).

41 Nome comum para *Schinus dependens* Ort. (Schultz, 1975), binômio atualmente reduzido à sinonímia de *Schinus polygamus* (Cav.) Cabrera (JNCM).

42 Vila, sede de distrito e antiga estação da estrada-de-ferro (km 477), no município de Erval (JNCM).

43 Grãos de pimenta, em tradução literal do alemão. Cunhado por Balduíno Rambo e com significado fisionômico-fitogeográfico, o termo é elucidado pelo próprio autor em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", em sua primeira edição (1942, p. 60), ao definir os "Matos de parque" da Serra do Sudeste: "formados por exemplares da aroeira comum (*Lithraea brasiliensis*), da aroeira salsa (*Schinus molle*), da caapororoca (*Myrsine umbellata*), colocados à distância um do outro, sem se tocarem, tendo as copas perfeitamente redondas; esta formação, vista de avião, oferece o aspecto de grãos de pimenta semeados pelo campo" (JNCM).

44 Refere-se à estação ferroviária de Erval (km 462), no município de mesmo nome (Erval); não confundir com a sede do município (cidade de Erval), que nunca dispôs de trem (JNCM).

45 Nome científico da aroeira-periquita, arvoreta da família Anacardiaceae (JNCM).

Opuntias freqüentes, *Eryngium eburneum*[46] em grande quantidade, tudo tomado por Baccharis[47], com freqüência Crista de Galo, palmeiras[48], butiás, Prosopis[49], Miconia, Salvia[50]. Mais acima uma serra e matos de butiá[51].

Almoçamos aqui. Na outra ponta da mesa senta um velho hospedeiro de cabelo branco. Observa-me. Não dou maior importância. A localidade chama-se Cerro Chato[52]. Contornamos o Cerro Chato, um morro de granito bastante alto com Wollsäcken. No pé do morro, moitas fechadas com muitas palmeiras. Mais acima, campo. Fotografo 7,19 ... rochas nuas. O filme 7 até 31 no Lageado. Um belo arroio correndo sobre granito com mata de galeria. Magnífica região para praticar botânica. Marco o lugar. A viagem segue sempre ao longo do Cerro Chato.

Árvores da região: uma árvore alta que não conheço; Quillaja[53] ; mandioca selvagem[54] formando belas arvorezinhas, até ornamentais. Seguem butiás, tudo com folhas amareladas, Schinus, [...] e campo arbustivo. Observo um renque de pinheiros[55] – serão plantados? Os arroios estão fortemente acompanhados com [...]. Pela uma hora e trinta minutos paramos em Nascentes[56]. Os morros estão cobertos até o topo com arbustos. Foto 7-32. Subida até M. Carneiro, uma hora e cinquenta minutos.

Às duas horas e cinco minutos, chegada em Pedras Altas[57]. Daí em diante, muito arroz no campo. Descemos a Serra. A vista abre-se para uma planície baixa, como um mar.

Às duas horas e vinte e cinco minutos, campo coberto com arbustos. Enveredamos para o fundo do vale. Xisto. Às duas horas e trinta e cinco minutos em Biboca[58]. Uma larga baixada, com terra preta. Logo depois o trem corta sedimentos brancos.

Às duas horas e quarenta e cinco minutos em Candiota[59]. O rio corre por uma larga baixada pantanosa, com muitos vimes, Miconias, Sarandis, Butiás. Schinus dependens[60] é aqui o maior responsável pelo Pfefferkorn. Nos cortes, camadas de ardósia.

Três horas e cinqüenta minutos, Candiota. Aqui o campo está inteiramente tomado por uma Baccharis marrom[61]. Mio-Mio[62]. As elevações

---

46 Nome científico de uma espécie de caraguatá, Apiaceae (JNCM).

47 Gênero de Asteraceae (*Baccharis* L.), representado por dezenas de espécies nativas no Rio Grande do Sul, onde são geralmente conhecidas como "vassouras" (JNCM).

48 *Syagrus romanzoffiana* (Cham.) Glassman, o popular gerivá, uma vez que na região encontra-se apenas esta espécie de palmeira, além de butiás, referidos na seqüência (JNCM).

49 Equívoco evidente do autor, que confunde esta espécie com *Vachellia caven*, o espinilho (JNCM).

50 Gênero de Lamiaceae (Verbenaceae, em obras mais antigas), com diversas espécies nativas na região (JNCM).

51 Nome comum para diversas palmeiras do gênero *Butia* (Becc.) Becc. (JNCM).

52 Nome de antiga estação da estrada de ferro (km 447), no município de Erval (JNCM).

53 *Quillaja brasiliensis* (A. St.-Hil. & Tul.) Mart., o popular pau-de-sabão ou sabão-de-soldado, árvore nativa da família Quillajaceae (JNCM).

54 Nome comum de *Manihot grahamii* Hook., Euphorbiaceae (JNCM).

55 Pode tratar-se tanto do pinheiro-brasileiro (*Araucaria angustifolia*) como de alguma espécie exótica do gênero *Pinus*, uma vez que a introdução de espécies deste gênero na região antecede em muitas décadas a viagem de Balduíno Rambo. Joaquim Francisco de Assis Brasil, proprietário da Granja de Pedras Altas, destacou-se neste sentido como o mais importante introdutor e colecionador de árvores exóticas no Rio Grande do Sul, em seu tempo (JNCM).

56 Povoado do município de Pinheiro Machado e, na época, uma estação (km 421) da estrada-de-ferro (JNCM).

57 Atual cidade e sede do município de mesmo nome; na época, simples vila do município de Pinheiro Machado (antiga Cacimbinhas). A localidade já era famosa pela "Granja de Pedras Altas", situada junto à estação e pertencente à família Assis Brasil. Pedras Altas não mais dispõe de estrada-de-ferro, desde a retificação do trecho Bagé – Pelotas (JNCM).

58 Estação da estrada de ferro (km 389), situada antes da ponte sobre o arroio Candiota (JNCM).

59 Atual município; na época, simples estação da estrada-de-ferro (km 379), no município de Bagé (JNCM).

60 Binômio atualmente reduzido à sinonímia de *Schinus polygamus* (Cav.) Cabrera (JNCM).

61 O autor refere-se a *Baccharis tridentata* Vahl ou, então, a *Heterothalamus alienus* (Spreng.) O. Kuntze, uma vez que ambas as Asteráceas são abundantes na região (LPD).

62 Nome comum para *Baccharis coridifolia* DC. (Asteraceae), espécie tóxica para o gado (JNCM).

cobertas com marrom–cinza. Abaixo da estação, no arroio, aflora a ardósia. O mesmo observa-se nos cortes. Blocos de pedra cinzentos cobrem todo o campo. Mais adiante, em cima de uma elevação, observa-se uma construção com chaminé em ruínas. Será uma mina de carvão? É a estação de trem Dario Lassance. Chegamos às três horas e quarenta e cinco minutos.

Três horas e quarenta minutos: Seival. Até aqui, camadas sedimentares. O cansaço aumenta. As camadas formam pequenos afloramentos no campo. Entre eles fluem os filetes de água. Poucas árvores. Campo cinzento. Pouco antes de Bagé, a presença de mato aumenta, de modo especial perto de Rio Negro[63]. Aqui o campo é ocupado por muitas plantações. Algumas meninas vestidas com calças correm ao encontro do trem. Nessa região moram alemães. Meu Deus eu Te procuro!

A cidade anuncia-se com eucaliptos e plantações. Um grande forno para calcário encontra-se na entrada da cidade. No campo, a Parkinsonia[64] torna-se cada vez mais freqüente. Também a Prosopis[65] começa a marcar presença.

Às cinco horas entramos em Bagé. O trem espera por algum tempo. Estou muito cansado e faminto, mas decido continuar a viagem durante a noite até Dom Pedrito. As pedras são quebradiças e se desmancham. Uma lebre corre pelo campo. No banhado, aguapé e crista-de-galo. Parkinsonia, vimes e Miconia e perto dos arroios sarandis. Os cortes da estrada expõe arenito vermelho e por fim um moinho de calcário.

[63] Nome de antiga estação ferroviária (km 346), no município de Bagé (JNCM).

[64] A popular cina-cina (*Parkinsonia aculeata* L.), uma Fabaceae ou Leguminosae Caesalpinioideae (JNCM).

[65] Equívoco constante nas obras de Balduíno Rambo: o autor confunde o gênero *Prosopis*, do inhanduvá (*Prosopis affinis*) e do verdadeiro algarrobo (*Prosopis nigra*), com *Vachellia*, gênero do espinilho (*Vachellia caven*, antiga *Acacia caven*), que foi a espécie por ele observada, verdadeiramente, nos arredores de Bagé. Cabe salientar que não existem registros sobre a ocorrência natural de *Prosopis* no município de Bagé (JNCM).

No trajeto entre São Sebastião[66] e Dom Pedrito caem-me em vista os cortes profundos no arenito vermelho. Na parte superior, até um metro de espessura, grossas camadas de carvão de pedra. Ou calcário? Há matinhos inteiros de Schinus dependens.

O sol aproxima-se do ocaso. Sinto-me muito cansado e cochilo. Antes de Dom Pedrito aparecem seqüências de elevações mais altas e belas matas.

Chegamos a Dom Pedrito pelas nove horas. Na frente da estação estacionam velhos automóveis. Na companhia de mais um senhor embarquei num deles. Dirijo-me à casa paroquial. O carro parou na frente da casa, fazendo um enorme barulho. Apareceram dois senhores, um irmão e o Pe. Antônio, alemão jovem. Apresento-me e ele disse-me que podia ficar. Jantei uma refeição frugal. O padre empenhou-se muito para que eu pudesse viajar na manhã seguinte até Livramento. Mas não se encontrou nenhum motorista. Decidi então continuar viagem com o trem. Dispus de um quarto grande. Muito barulho lá fora. Apesar disso, dormi bem.

11.01.41

De manhã, o Pe. Antônio ajudou-me a missa. O café não foi grande coisa. Ele levou-me até a estação do trem. O trem partiu às cinco horas. Até São Sebastião[67], o céu estava encoberto. Uma sequência de elevações com moitas. Num recanto, um mato de bom tamanho e, no campo, bonitas plantações de milho. Esta terra deverá transformar-se em grandes áreas agrícolas. Elevações redondas cobertas de boa vegetação.

[66] Estação ferroviária (km 289) onde se dava o bifurcamento da estrada-de-ferro para São Gabriel e Dom Pedrito (JNCM).

[67] Como Dom Pedrito era estação final da estrada-de-ferro, Balduíno Rambo precisou refazer o trecho final da noite anterior até São Sebastião, de onde seguiu rumo ao norte, para São Gabriel. Cabe acrescentar que a cidade de Dom Pedrito não mais dispõe do serviço de trens (JNCM).

Às sete e cinqüenta e cinco, parada em João Câncio, 370 metros acima do nível do mar. O trem segue sobre uma elevação. À direita a Serra e à esquerda uma descida suave. Curta parada em São Sebastião e baldeação para Cacequi.

Às oito horas e dez minutos chegada em Ibaré[68]. Para o norte predomina, em toda a parte, a ardósia. O filme 8.3: ardósia junto a Ibaré. Altura 192 metros. Foto 4,4: Rio Jaguari, para lá de Ibaré. Paramos em cima da ponte. O mato nas margens é formado por Miconia, sarandis, mimosas, Parkinsonia. Um matinho no campo com cactos arbóreos no meio. Logo em seguida um corte com "arenito granito". À direita ergue-se a Serra. Encostas graníticas caem abruptas em direção ao vale. Mato arbustivo em cima e no plano. Às sete horas chegamos a von Bock. Fotos 6, 7, 8 em direção a Waick. Em todo o trajeto entre Ibaré[69] e Bock, avista-se a Serra do Batovi[70]. Essa região merece um estudo especial.

Às oito horas e cinqüenta e cinco minutos, chegada em Suspiro[71]. Localiza-se numa ampla planície, com muitos vimes e cristas de galo[72]. Nesse trajeto a crista de galo predomina em muitos trechos. Percebe-se pouca atividade. Muitas casas são feitas de blocos de barro preto. Nenhuma igreja. Parece o norte do Brasil.

Às nove horas e quinze minutos em Lindolfo Waick, com muitos eucaliptos.

Nove e vinte oito minutos em Vacacaí[73], uma região pantanosa. Foto nº 10.

Entre São Gabriel e Tiaraju ocorrem belos afloramentos. Em parte as camadas são vermelhas e brancas. No leito dos arroios aparece a ardósia preta. Em alguns lugares observam-se formações que se parecem com fósseis. Ocorrem ainda depois de Tiaraju. Na direção de Bela União não se percebem mais afloramentos. A região é uniformemente plana, coberta de um capim alto e de coloração clara. Nas depressões, conjuntos de crista de galo. Diante da ponte de Três Divisas aparece o arenito, com muitas manchas brancas. Pela hora do meio-dia entramos em Cacequi[74]. Tenho fome, mas a sala de espera está tomada de tanta gente, que fui atendido só mais tarde. Comprei dois jornais, mas nada de especial.

Partida de Cacequi a uma hora e quarenta e cinco minutos. Foto nº 8,8 perto de Cacequi. Às treze horas e quatorze minutos cruzamos o Saicã[75]. Junto a esse rio observa-se um belo mato com muito vime e louros. Uma trovoada no céu.

Entre Entroncamento[76] e Rosário, a base é de arenito. Até Rosário a paisagem é interminavelmente plana, pantanosa, com muitas garças brancas. Rosário encontra-se numa elevação de arenito. Paramos lá às três horas e cinqüenta minutos. De Rosário em diante acompanhamnos pela direita as montanhas[77]. Nos cortes, arenito. No campo, vastas plantações de milho.

---

68 Vila do município de Lavras do Sul (JNCM).

69 Estação ferroviária (km 248) no município de Lavras do Sul, junto ao arroio Jaguari, afluente da margem direita do rio Santa Maria (JNCM).

70 Divisor das bacias dos rios Jaguari (afluente do Santa Maria) e Vacacaí, no município de São Gabriel (JNCM).

71 Estação ferroviária (km 227) e nome de vila no município de São Gabriel (JNCM).

72 *Celtis ehrenbergiana* (Klotzsch) Liebm. (antiga *Celtis tala* Gillies ex Planch.), Cannabácea muito conspícua na região, onde é mais conhecida como taleira ou esporão-de-galo (JNCM).

73 Estação ferroviária (km 265), no município de São *Gabriel (JNCM).*

74 Cidade e importante entroncamento ferroviário, do qual partem trens para Santa Maria, Uruguaiana e São Gabriel (JNCM).

75 Confusão de Rambo: entre Cacequi e Entroncamento, Rambo passou, em verdade, pelo rio Santa Maria. O arroio Saicã fica além da estação Entroncamento, no caminho para Alegrete. É curioso que o viajante não faz a menor referência à famosa ponte ferroviária sobre o rio Santa Maria, a mais importante "obra-de-arte" do Rio Grande do Sul naquela época (JNCM).

76 Pequena estação (km 124), situada a oeste (e não longe) da foz do rio Santa Maria no rio Ibicuí. Passada a grande ponte ferroviária sobre o rio Santa Maria, é nesta estação que ocorre o bifurcamento da estrada-de-ferro, que segue para Uruguaiana ou Santana do Livramento. Balduíno Rambo rumou para esta última cidade, passando, antes, por Rosário do Sul (JNCM).

77 *Da Serra do Caverá (JNCM).*

Em todo o restante da viagem senti um cansaço muito grande. O arenito acompanha-nos o tempo todo. À direita, a Serra do Caverá. O céu fica cada vez mais coberto. Nas proximidades de Santa Rita[78] começou a chover. Em seguida, cai uma chuva pesada. Quando termina, um magnífico arco-íris enfeita o céu. O campo inteiro faísca e brilha com milhares de gotas de orvalho.

Pouco antes de Santa Ana[79] avista-se o Palomas[80], uma montanha em forma de mesa, assim como aparece nos livros. O topo é levemente abaulado. À esquerda, avista-se no campo um espinhaço. Deve ser uma formação de basalto meteorizado.

Em Santa Ana experimentei uma decepção. A cidade situa-se sobre um terreno bastante irregular. Um lugar excelente para uma cidade. De carro vou em busca de um hotel perto da igreja. O hotel é bom. Deram-me um bom quarto. Apesar do cansaço de morrer consigo dormir muito bem.

12.01.1941

Levantei às cinco horas da manhã e fui até a igreja. Havia um bom número de pessoas, a maioria mulheres, ajoelhadas nos bancos. Passei pela igreja até a sacristia. Encontrei um religioso sentado à mesa que ao primeiro olhar denunciava o cura. Mostrei-lhe a minha carta de apresentação e pedi para rezar a missa. Respondeu-me que, seu eu me tivesse anunciado na véspera, não teria nenhum problema. Assim, restava a possibilidade de rezar a missa na Caridade[81]. Destacou um menino para acompanhar-me. O caminho até a Caridade passava por uma boa parte da cidade. Na minha frente caminhava um religioso. O menino disse-me que era um padre que estava pregando um retiro. Na sacristia da Caridade uma religiosa veio ao meu encontro. Na primeira palavra percebi que era alemã. Conversei em alemão com ela. Rezei a missa e dei uma breve bênção. Não sei exatamente que irmãs são as daqui. Parecem ser irmãs de São Sebastião. Depois da missa apresentou-se um religioso, o superior dos Palotinos. Também quis rezar missa. Criou-se uma situação constrangedora. A irmã quis que ficasse para o desjejum. Agradeci e voltei em companhia do menino.

O motorista que contratara na véspera já esperava diante do hotel. Tomei café e acertei com ele o preço de quinze mil réis por hora e partimos. Pedi-lhe que me deixasse num local onde pudesse colecionar sozinho. Saímos da cidade e tomamos a estrada para Quaraí, até o topo do Morro da Vigia. Deixei o carro, passei pela cerca e subi o morro. Era um lugar ideal para coletar. De saída, surpreendi-me com a riqueza de formas. Durante três horas vasculhei o morro sob um sol escaldante e coletei bem 100 espécies. Retornamos pelas onze horas. Almocei no hotel.

À uma hora saímos de novo. Deixei que ele escolhesse o local. Saímos da cidade e cruzamos a fronteira sem sermos molestados. A fronteira corta a cidade ao meio. Apenas uma rua um pouco mais larga e os marcos de fronteira sobre a elevação indicam o limite. Os policiais uruguaios não nos deram bola. Descemos até o Gunapiré[82]. O carro estacionou debaixo de uma gigantesca fileira de tamareiras[83]. Abalei-me para dentro do campo ao longo do arroio. Também aqui a coleta compensou. Caía uma chuva

78 Estação da estrada-de-ferro (km 212) e vila do município de Santana do Livramento (JNCM).

79 Santana do Livramento (JNCM).

80 Nome de um dos cerros chatos mais conhecidos do município de Santana do Livramento (30º 49' 30.33" S, 55º 20' 59.07" O), por situar-se ao lado da estrada asfaltada que leva a esta cidade (JNCM).

81 Refere-se ao Hospital de Caridade de Livramento (JNCM).

82 Cuñapirú, afluente do Tacuarembó, tributário do rio Negro; na cidade de Rivera, em seu trecho inicial, o rio corre de nordeste para sudoeste (JNCM).

83 Nome comum de *Phoenix dactilifera* L., palmeira exótica de frutos comestíveis (tâmaras), mas raramente cultivada na região; *Phoenix canariensis* Hort. ex Chabaud, ao contrário, é espécie freqüente no Uruguai (JNCM).

leve, o que não me incomodou.

Embarcamos de novo no carro e fomos até as Três Furnas[84]. O terreno é eruptivo. Grandes pomares de laranjeiras cobrem as elevações. As casas são mais numerosas do que no lado brasileiro. Passamos por três escolas. O motorista informou-me que naquele local as escolas eram de bom nível, mas as crianças terminavam a escola e depois falavam português. O português predomina até 50 quilômetros além da fronteira. O próprio motorista falava uma mistura de espanhol com português. Perto de Três Furnas deixei o carro na sombra dos vimes e adentrei-me pelo campo, contornando a elevação. Também nesse local encontrei um grande número de plantas, só que o local não foi tão solitário quanto o da manhã. Lá adiante alguém gritava constantemente atrás dos bois. Parecia estar lavrando. Observei pessoas trabalhando numa plantação. Colecionei durante boas duas horas, depois estava cansado. Voltamos. O motorista teria gostado de andar por aí, ainda durante uma hora, mas eu estava farto. Demos algumas voltas pela parte uruguaia da cidade. Passamos na frente da casa na qual Waldemar Ripoll[85] foi assassinado. As ruas são bonitas e ensombradas com cinamomos[86]. Caiu-me em vista que num cemitério os espaços entre as sepulturas estão ocupadas com ciprestes[87]. Voltamos ainda uma vez até o Gunaparé mas não havia nada por fazer no local. Contrariando a constante insistência do motorista que pretendia continuar circulando por aí, voltei para o hotel. Primeiro deitei-me sobre a cama para descansar, depois organizei a colheita do dia. Valeu a pena. Mais de 200 espécies.

13.01.1941

Levantei um pouco antes das cinco, fui até a igreja. Um dos padres ajudou-me a missa. Depois tomei café e fui até a estação do trem. Rezei a metade do breviário, depois fui sonhando à toa. A viagem segue pelo clarear do dia. O céu está coberto de nuvens. Nas proximidades de Palomas enxerguei um grande número de João Grande, seguramente uns 100. Grandes plantações de arroz e garças brancas movimentavam-se por aí, como se andassem sobre pernas de pau.

Ao longo do Ibicui crescem salgueiros, cristas de galo, sarandis, sesbastianas e frygilantas[88]. À esquerda, ao longe, continuam os morros de arenito, todos com seus típicos chapéus de lava.

Na minha frente viaja um homem que não pode ser brasileiro. Antes de Rosário, embarcou mais um. Os dois falavam inglês. Desembarcam em Rosário. Lá se encontra a grande fábrica da Swift. A riqueza do país está nas mãos desses estrangeiros.

De Rosário em diante as montanhas continuam acompanhando pelo lado direito. No campo veem-se extensas plantações de milho. Filme nº 8, foto 30 no Ibicui. Na chegada a Cacequi o cobrador informa que dispúnhamos de tempo para comer no restaurante do trem. Fico sentado e rezo o resto do breviário. Dei-me mal. A janta seria servida apenas em Alegrete. A viagem de Cacequi a Alegrete é muito instrutiva. Não demora para chegar ao Ibicui. Ao longe se erguem os morros de tabuleiro, que conheço dos sobrevoos[89]. O mato na margem do rio é formado por palmeiras, salgueiros, [...], figueiras e sarandis. No campo floresce uma grande variedade de plantas que vejo pela primeira vez. Nos cortes da estrada predomina o arenito. De vez

84 Nome atribuído pelo autor à "Piedra Furada", curiosa formação geológica que se encontra nos arredores (sudoeste) da cidade de Rivera, próximo ao rio Cuñapirú (JNCM).

85 Natural de Quaraí (24-3-1906), Waldemar da Silva Ripoll faleceu aos 27 anos de idade, em 31-01-1934, assassinado a golpes de machado, enquanto dormia, por ordem de pessoas ligadas a Flores da Cunha (JNCM).

86 *Melia azedarach* L., Meliaceae (JNCM).

87 *Cupressus sempervirens* L., espécie tradicionalmente cultivada em cemitérios (JNCM).

88 *Phrygilanthus acutifolius* (Ruiz & Pav.) Eichler, Lorantácea hemiparasita (JNCM).

89 Sob o nome de "Campanha do Sudoeste: Morros areníticos de Cacequi", Balduíno Rambo inclui uma foto aérea com os morros Batovi (ou Seio-de-Moça) e Loreto, ao final de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", edição de 1956 (JNCM).

em quando se observam derrames de lava.

Perto de Tigre começam os belos morros de arenito. Passamos bem perto do morro que conheço pelo sobrevoo[90]. Tiro uma série de fotos pelos fundos do trem. Baixadas, morros com montes de escombros, blocos, bastiões. Para essa região eu deverei voltar algum dia.

Antes de Alegrete começam a predominar as rochas eruptivas. Os blocos cinzentos espalhados pelo campo são todos oriundos de lava. Aqui abunda o Prosopis[91]. No Ibirapuitã temos rochas eruptivas. Em Alegrete temos uma longa parada. Embarco mais cedo no trem para Quarai. Embarca, também, um religioso. Encomendo uma refeição com pão, cerveja e salsichas. Cai muito bem. O religioso aproxima-se de mim. Reconheço nele o Pe. Bin[92]. Ele está bem grisalho. Vem de um retiro em Uruguaiana. Tivemos um bom papo. Ama a colônia e é um homem bom e amável.

Depois de Alegrete predomina Prosopis[93], Acedia[94] e Parkinsonia[95] no campo. Na média, o terreno é vulcânico. A rocha parece torrada, em muitos lugares. O campo, como um todo, é muito pedregoso.

Com o avanço do dia aumenta a magnificência da luminosidade. O brilhante sol da tarde espraia-se sobre o campo. As planuras brilham no sol do entardecer. O pelo vermelho dos animais brilha na luz do entardecer. Uma lebre dispara pelo campo. Não demora e só se observa material eruptivo nos cortes.

Pelas nove horas entramos em Quarai. Alugo um automóvel e com o padre vamos até o hotel onde ele se hospeda. Indicam-me um quarto grande, sujo e em desordem. A porta exibe vários buracos de chave. Janto em companhia do padre. A comida não é grande coisa. Dois italianos jantam junto a uma garrafa de vinho e falam sobre combates navais perto da Sicília. Nesta região há muitos italianos, mais ainda no Uruguai.

Vou dormir. A rua está tomada por prostitutas. Um autêntico ninho de prostitutas. Demoro a colocar no lugar a tela para mosquitos. Até à meia-noite ocupo-me com as plantas. Mal adormeci começa a movimentação no quarto vizinho. Dois indivíduos comentam a experiência com as prostitutas. Esta é a campanha. No campo moram apenas pobres diabos responsáveis pela guarda do gado. Os ricos residem na cidade e as cidades não passam de espeluncas de prostitutas. Agora entendo as estatísticas[96]. De manhã bem cedo rezo missas.

14.01.1941

Tenho várias alternativas para viajar até Uruguaiana: voltar para Alegrete, o que não quero, porque o trem só parte amanhã e já conheço o caminho; via Uruguai o que não quero, pois não sei se deixam passar, porque a viagem entra fundo no país, é cara e, além disso, não há garantia de que consigo conexão em Baraí. Depois da missa vou ao hotel, tomo café e decido alugar um carro até Uruguaiana. Pretendo comprar algumas salsichas, mas elas estão à venda apenas em Artigas.

Parto às nove horas. O motorista, um sujeito cor de chocolate, agrada-me. No começo acompanhamos o trem. Na travessia coleto plantas.

---

90 Uma foto aérea deste cerro foi publicada nas páginas finais de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" (edição de 1956), com a seguinte legenda: "Campanha do Sudoeste: Morro arenítico na Estação Tigre" (JNCM).

91 Sempre a mesma confusão: trata-se, em verdade, de *Vachellia caven*, o espinilho (JNCM).

92 Pe. Quirino Joaquim Bin. Vigário de Quaraí de 10-1-1935 a 16-5-1945, foi transferido para a paróquia de Santiago nesta última data e, 1957, para a de Cacequi (JNCM).

93 Equívoco do autor: no município de Quaraí, o gênero *Prosopis* ocorre apenas ao sul do Jarau, região não visitada pelo autor nesta viagem (JNCM).

94 Provável equívoco na transcrição do texto original; Balduíno Rambo refere-se, muito provavelmente, a *Acacia*, antigo gênero botânico do espinilho, atual *Vachellia caven* (JNCM).

95 Refere-se à cina-cina (*Parkinsonia aculeata* L.), arvoreta comum na Região da Campanha (JNCM).

96 Rambo alude a estudos socioeconômicos sobre a região da Campanha, que já davam conta do pauperismo e marginalização decorrentes do latifúndio (JNCM).

O estranho morro do Chapéu[97], com sua calota e o cemitério no alto, fica bem perto. Infelizmente não passamos perto de Jarau[98]. Fica longe, à esquerda. Perto de Quarai ainda aflora o arenito. De lá, até Uruguaiana, só terreno vulcânico. Constato que estava equivocado em relação a essa região.

Na descida para o Quarai[99] avisto pela primeira vez o estranho mato de Prosopis[100]. No meio dele crescem a Parkinsonia[101] e Schinus descendens[102]. Paramos três quartos de hora na margem do Quarai-Mirim. O motorista mostra-se muito disposto. Colho um bom numero de plantas na margem do rio, no campo. Depois continuamos a viagem. Pelo campo paro seguido para colecionar plantas. Três cavaleiros passam por nós, trotando. No mais, sem vestígios de homens. De longe, contornamos o Jarau. Pelo que posso perceber, uma mata apreciável cobre a serra. Parece que é formada por basalto. Nuvens vistosas cobrem o céu. Abro a porta, o que nem sempre é fácil.

Pelo meio-dia chegamos ao Carumbé[103]. Um belo rio com mata de galeria. Coleto para valer. O sol queima. Depois acomodamo-nos junto à água para o almoço. Tenho dois pães e um recipiente com carne de porco. Cai muito bem. O motorista mostra-se bem disposto. Perto encontra a fazenda do Guachico Preto, os muros tomados por moitas, quase uma ruína. De manhã, no hotel, alguém comentou que ele bebia, mas a propriedade herdada era muito grande e continuava dando bons resultados.

A viagem segue. Pelas três horas alcançamos Caneleira. Coleto pela última vez. Não encontro muita novidade. Estou cansado e o dia está quente. No campo pastam enormes rebanhos de ovelhas. Os cordeiros seguem ainda as mães, embora quase tão crescidos quanto os adultos. Shorthorn é a raça que aqui se cria. Cortam-se os rabos porque a diarréia é freqüente e emporcalha as pernas traseiras. A tosquia dá-se uma vez ao ano. A ovelha pede campo seco. Já no primeiro ano cobrem-se os custos. A arroba de lã vale de 150 a 200 mil réis. As ovelhas e principalmente o rebanho exigem muita atenção.

Observo um umbu[104] no campo e até o Tamarindo[105] ocorre aí.

Às cinco horas chegamos a Uruguaiana. As ruas da cidade são ruins. Dirijo-me até um hotel perto da igreja. Não sabem se tem lugar, mas o proprietário arrumou um quarto. Entregou-me

---

97 Pequeno morrote ou cerro chato, de 127 m altura (30º 20' 25.90"S, 56º 25' 44.09"W), distante 3.140 m da cidade, em linha reta, mais precisamente do trevo da RS 377 com a estrada de terra seguida por Rambo. Situado na extremidade sul da "Serrinha', o Cerro do Chapéu é contornado, em sua base sul, pela Sanga da Areia (JNCM).

98 O Cerro do Jarau somente foi visitado por Rambo em Janeiro de 1945, por ocasião de sua segunda viagem ao sudoeste do Rio Grande do Sul (JNCM).

99 Rio Quarai-Mirim, em verdade (JNCM).

100 Equívoco do autor, reproduzido, com toda a clareza, em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul": "Na descida para o Quaraí-Mirim, o meláfiro chega a formar verdadeiras abas na orla das coxilhas, com miríadas de ágatas e pequenas drusas de quartzo, entre as quais rasteja a flora mais pobre que se possa imaginar. Nos campos das encostas, aparece pela primeira vez o parque espinilho. Constituído, na essência pelo nhanduvaí, não lhe faltam o branquilho, a sombra de touro e a cina-cina. Debalde a mente procura localizar estes matos abertos eriçados de espinhos dentro dos quadros vegetativos do Estado: são as últimas ondas do pampa argentino, jogadas na Campanha riograndense" (Rambo, 1956, p. 144). Resumindo: nhanduvaí, para Rambo, é *Acacia caven* (atual *Vachellia caven*), espécie muito comum em todo o Planalto da Campanha; o verdadeiro inhanduvá (algarrobo, no texto de Rambo), somente foi encontrado por ele, nesta viagem, em Barra do Quaraí. Para maiores esclarecimentos recomenda-se o artigo de Marchiori & Alves (2010, p. 1-11), dedicado ao esclarecimento destas confusões terminológicas (JNCM).

101 *Parkinsonia aculeata* L., a popular cina-cina (JNCM).

102 Binômio atualmente reduzido à sinonímia de *Schinus polygamus* (Cav.) Cabrera, o popular molho (JNCM).

103 Arroio, afluente da margem esquerda do rio Touro Passo, no município de Uruguaiana (JNCM).

104 *Phytolacca dioica* L. (Phytolaccaceae), árvore de grande porte, chamativa em áreas campestres (JNCM).

105 *Tamarix gallica* L. (Tamaricaceae), árvore exótica. Nas duas edições de "A Fisionomia do Rio Grande do Sul" revisadas pelo autor (1942 e 1966), Balduíno Rambo incluiu uma foto destas árvores. Na de 1942, a legenda informa que a foto foi tomada "perto de Uruguaiana" (JNCM).

o jornal argentino El Campero, endereçado para a Alemanha. Quando me pus a caminhar pela rua apareceu monsenhor Liberali[106]. Não se barbeara e sem um botão vermelho. Saudou-me com o apelido Javali. Hospeda-se no hotel. Combinamos a missa para a manhã seguinte. Pretende viajar amanhã. Janto e organizo as plantas no quarto. O trabalho prolonga-se. Coletei um bom número hoje. Vejo que a viagem que não fora planejada para a botânica, rendeu uma boa presa. O hotel agrada-me. A partir das dez horas reina silêncio, mas meu vizinho faz bastante barulho. Estou cansado e durmo como uma pedra.

15.01.1941

Levanto às seis da manhã e encaminho-me até a catedral. A parte anterior está sendo usada. A parte posterior encontra-se em construção. As torres estão rodeadas com andaimes. É uma bela casa de Deus, mas vai demorar até estar concluída. O reverendíssimo senhor reza a missa, ajudado por seu sobrinho. Eu rezo a missa no altar lateral. Liberali começa a ajudar-me na missa, depois é substituído por um negro bem alto, estranho nas vestes de ajudante de missa.

Vou ao hotel e tomo café. O proprietário, em pessoa, leva-me até a estação do trem. O trem acaba de chegar. Embarco e rezo a metade do breviário. Durante a viagem, que começou às nove horas, observo muitas Casuarinas[107]. Muito frequente é a Parkinsonia[108]. Ranchos precários e belo campo. De vez em quando o trem para no meio do caminho porque o maquinista deixou cair alguma coisa. Observa-se terreno eruptivo. Abaixo da fina camada de terra um banco de saibro roliço, usado para o leito do trilho do trem. Na minha frente viajam vários senhores envolvidos numa animada conversa. Entre eles há um piadista que conta piadas num tom de repórter. Um senhor de botas amarelas, aparentemente um oficial, junta-se a eles e fala sobre coisas do norte. Fala contra os judeus. Conta a piada do judeu que prometeu, durante uma tempestade, que venderia seu melhor cavalo e queimaria em velas o valor depois de vender o cavalo por cinco mil réis e o galo por 500.

Predomina o solo preto. Nos arroios crescem muitos salgueiros e [...]. O oficial sentencia sobre alemães e ingleses: a Inglaterra está na ponta na construção naval e a Alemanha em canhões e aparelhagens de mira.

No campo, quatro corujas formam um conjunto filosófico. Volumosos bancos de saibro roliço e sílex.

A viagem segue monótona. Há muita gente nas estações. Lenços vermelhos no pescoço, um povo singular. Todo mundo a cavalo. De mais a mais, moradias em mau estado. Em Guterres[109] um "brasileiro" tosa a lã de ovelhas. Ao lado, um outro toca gaita de fole.

No arroio Averchim[110] exemplares de Prosopis, belos como nunca tinha visto. Os Algarrobos[111] agradam-me de modo especial. Sobem a mais de sete metros, ostentando belas copas em forma de guarda-chuva. Estão em flor[112]. Desembarcaria aqui se tivesse alguma coisa para comer. Do jeito que estou, sou obri-

---

106 Ricardo Domingos Liberali era Padre da Catedral de Uruguaiana desde 3-7-1933 (JNCM).

107 Nome popular para três espécies exóticas do gênero australásico homônimo, cultivadas no Rio Grande do Sul: *Casuarina cunninghamiana* Miq., *Casuarina glauca* Sieb. ex Spreng. e *Casuarina stricta* Aiton (JNCM).

108 Refere-se à cina-cina, *Parkinsonia aculeata* (JNCM).

109 Estação da estrada-de-ferro, situada 37 km antes da fronteira com o Uruguai (JNCM).

110 Provável erro de transcrição; pode tratar-se do arroio Quaraí Chico, onde começam a aparecer inhanduvás (*Prosopis affinis*), em grande número (JNCM).

111 Agora, sim, Balduíno Rambo está frente a um verdadeiro *Prosopis*: o inhanduvá, *Prosopis affinis* Spreng., por ele chamado de "algarrobo" (JNCM).

112 O viajante coletou um exemplar com flores em Barra do Quaraí no dia 15-01-1941: a exsicata n. 4215, conservada no Herbário PACA. Dados relativos a este material podem ser consultados em Rambo (1966), obra póstuma sobre "Leguminosae Riograndenses" (JNCM).

gado a seguir até Quaraí[113]. Demora muito. Procuro alguma coisa para comer. O oficial está sentado à mesa, mas serve-se de coisas próprias. Comprei uma lata de conserva com peixe e um ovo frito. Bebo um copo de água. Depois cruzo os trilhos. O sol queima e o vento sopra forte. Encontro muitas coisas. Quis ir em primeiro lugar até o arroio. Como não tinha certeza que o trem demoraria no local, decidi-me entrar no campo pelo lado. Acomodo-me numa sombra e experimento a conserva. É ruim e salgada. Jogo a lata longe e como bolachas. Depois ando pelo campo. Encontrei, bastante perto, um curso de água. Menos rendosa foi a coleta nos matos de Prosopis[114]. Não estou só como em outras ocasiões. Volto pelas três horas. O sol queima sobre os trilhos. Um rapaz que buscara cavalos no pasto acompanhou-me. Vinda de uma escola, uma mulher vem correndo atrás de mim, pedindo santinhos. Peço um copo de água na estação. O trem acaba de encostar. Acomodo-me nele e rezo o breviário. Depois o trem desce em direção até o rio. O povo embarca junto com alguns oficiais da fronteira. No trem encontram-se algumas moças que se portam muito mal. Tem aspecto de prostitutas. Debocham de um rapaz, filho de um dos oficiais. Tiram-lhe o boné e o entregam para as moças. O rapaz jogou-se para trás. Eu teria feito algo diferente. A viagem continua. Até aqui poderia ter caminhado muito bem. Um negro veio correndo e perguntou por monsenhor Marx e Neis[115]. Seu nome era Eusébio e servira um tempo com eles.

[113] Barra do Quaraí, em verdade, vila do município de Uruguaiana, na época (JNCM).

[114] Uma foto desta excursão foi publicada em "A Fisionomia do Rio Grande do Sul", nas duas edições revisadas pelo autor (1942 e 1956). A legenda – "Campanha do Sudoeste: Parque espinilho em Barra do Quaraí" – esclarece que o autor reservou o termo "espinilho" para designar a vegetação composta, basicamente, pela associação de *Prosopis affinis* e *Vachellia caven*. Cabe salientar que o autor confunde, invariavelmente, a identidade destas espécies, designando-as de "algarrobo" e "nhanduvaí", respectivamente (JNCM).

[115] Tanto monsenhor Marx quanto monsenhor Neis atuavam como braços direitos de Dom João Becker, arcebispo de Porto Alegre (ABR).

Estou cansado e fico cochilando. O sol produz um efeito admirável sobre o campo. Automóveis passam a toda velocidade. O gado vai ao pasto. Perto de uma estação estão debulhando linho.

Às oito horas chegamos a Uruguaiana. O sol põe-se. O dono do hotel vem buscar-me. Encontro o sobrinho na igreja e combino com ele a missa para a manhã seguinte. Janto e ponho minha mala em ordem o que vai longe noite adentro. Durmo muito bem.

16.01.1941

Levanto cedo e vou até a catedral. O sobrinho já está a postos. Rezo a missa em seguida. Ele a ajuda. Não me oferecem café. Vou direto para a estação do trem. Consigo um bom lugar. Rezo parte do breviário, depois tomo café. A região é plana. Em toda a parte cresce a pequena Prosopis. Não se avista mais a Algaroba[116]. As pedras são de origem vulcânica. Nos matos perto dos arroios predominam [...;...], Mimosáceas e Salgueiros.

Avisto uma construção singular: uma velha estância de Assis Brasil, no estilo de um castelo de muralhas de arenito vermelho, grandes torres com portões e seteiras[117]. Em Pedras Altas há uma ainda mais bonita[118]. A partir do rio Ibirocai[119] a paisagem torna-se ondulada, com

[116] Sempre a mesma confusão: ao afirmar que "em toda a parte cresce a pequena Prosopis", Rambo está se referindo, em verdade, ao espinilho (*Vachellia caven*), arvoreta abundante em todo o Planalto da Campanha; ao dizer, na seqüência, que "não se avista mais a algaroba", informa que não se encontram mais inhanduvás (*Prosopis affinis*), espécie associada a planícies aluviais. Esta confusão com os nomes das espécies chaquenhas permeia toda a obra do autor (JNCM).

[117] Refere-se à Estância Itaiaçu, no município de Uruguaiana, que pertenceu a Joaquim Francisco de Assis Brasil e foi vendida para A. J. Peixoto de Castro Júnior após a morte do estadista gaúcho (JNCM).

[118] Clara referência ao Castelo de Pedras Altas, nos arredores da cidade de mesmo nome, construído por Joaquim Francisco de Assis Brasil (JNCM).

[119] Afluente da margem esquerda do rio Ibicuí, que serve de divisa entre os municípios de Uruguaiana e Alegrete (JNCM).

muitas pedras, todas vulcânicas. Perto do rio, uma floresta considerável, com muito angico[120]. Continua não aparecendo Prosopis. Parkinsonias dispersas, Guaçu Boi[121], Tipha dominguensis[122]. Pouco antes de Alegrete avisto arenito cozido em grandes blocos. Perto de Alegrete reaparecem palmeiras. No oeste, as palmeiras faltam de todo[123]. Em Alegrete cai-me em vista um armazém de nome "O sol nasce para todos".

O calor aumenta durante o dia. No oeste formam-se nuvens de chuva.

Avisto muitas plantas nas proximidades da Estação Tigre. O mundo dos morros de arenito encara-me com tanta força, que decidi coletar um dia na região. De resto, reflito sobre o meu povo. Naquela ocasião pretendo falar sobre "a mãe". As lágrimas saltam-me dos olhos. Almoço no trem. Na minha frente senta um senhor de Passo Fundo, vindo de Buenos Aires. Cai-me em vista como toda essa região pende para o Prata.

Em Cacequi fico no trem e rezo o breviário. Cai uma chuva leve. Na continuação da viagem cai uma chuva mais grossa. Estou cansado. Pela direita[124], as montanhas da Serra aproximam-se cada vez mais. Parece haver muita agricultura por aqui. No restante da região predomina por toda a parte o arenito.

Às cinco horas chegamos a Santa Maria. Confio a mala a um carregador e vou ao Hotel Itália[125], onde janto. A janta é boa e barata. Volto depois até a estação. Encontram-se aí algumas religiosas. Embarco na frente delas. Um irmão marista passa sem saudar.

No trem da Serra viaja o padre redentorista Agostinho e os dois irmãos de Serro Azul[126]. Entrei numa bela fria. Acomodamo-nos juntos no trem. Sou obrigado a conversar com eles. Não muito tempo. O Pe. redentorista vai dormir, o outro desembarca em Restinga. Cochilo. Na minha frente uma moça também dorme. Observo por um bom tempo e entrego-me a pensamentos de Deus. A lua sobe no céu.

Em Ipê[127] encontramos o trem vindo de Porto Alegre. O irmão Gewehr procura o Pe. Hansen. Encontra-o. Mas o Pe. Hansen[128] está dormindo. Ao passar por mim chamo seu nome. Ele olha para trás mas o trem tinha passado.

Apenas durante as horas da madrugada cochilo um pouco. O trem arrasta-se de estação em estação. Uma parada mais longa antes de chegar a Porto Alegre. Entrei em casa somente depois das sete. Rezo a missa e, sem demora, vou ao trabalho.

17.01.1941

Logo depois da missa ponho-me a trabalhar. O Pe. Orth[129] também está de volta. Trouxe plantas. Pregou cinco retiros, todos, sem exceção, em português. O arcebispo deu a autorização somente sob a condição que fossem em português. Esse traidor. Este é um bispo! Deixa o barco navegar[130]. Ocupo-me o dia todo com as plantas. Ao todo são 413 exemplares. Foi uma

120 *Parapiptadenia rigida* (Benth.) Brenan, árvore abundante na mata ciliar do rio Ibirocai (JNCM).

121 Nome de uma estação da estrada-de-ferro no município de Alegrete e de um afluente da margem direita do Iirocaizinho (JNCM).

122 *Typha domingensis* C.H. Persoon (Typhaceae), a popular taboa ou totora (JNCM).

123 Observação improcedente: o gerivá (*Syagrus romanzoffiana*) é ornamento freqüente na mata ciliar do rio Uruguai e de seus afluentes (JNCM).

124 Quando se retorna de Uruguaiana a Santa Maria, o rebordo do Planalto Meridional (montanhas, segundo Rambo) fica, em verdade, à esquerda (JNCM).

125 Fundado pela família Stival, ficava na Avenida Rio Branco, quase esquina com Ernesto Beck (JNCM).

126 Serro Azul foi nome original de Cerro Largo (ABR).

127 Pequena estação, antes (a oeste) de Rio Pardo (JNCM).

128 O Pe. Afonso Hansen foi outro colega de Seminário do Pe. Rambo, seu amigo mais próximo e confidente a quem confiou seu diário, se falecesse antes dele, o que de fato aconteceu. O Pe. Hansen entregou mais tarde ao Pe. Arthur Rabuske esse diário. Hoje, o mesmo se encontra devidamente organizado e incorporado ao Memorial Jesuíta, na Biblioteca da Unisinos (ABR).

129 O Pe. Canísio Orth foi colega de turma de seminário do Pe. Rambo. Quando jovem dedicou-se à Botânica e chegou a escrever um opúsculo sobre plantas medicinais. Mais tarde foi totalmente absorvido pelas obrigações relacionadas com a administração do Colégio Anchieta (ABR).

130 O Pe. Rambo achava-se em conflito com arcebispo Dom João Becker, ainda nascido na Alemanha, que apoiava a Campanha de Nacionalização do Estado

bela colheita. Estou muito cansado. Träsel[131] vem visitar-me. Está satisfeito. O Pe. Pio[132] prepara-se para a viagem. Os bombardeiros de mergulho alemães afundaram na Sicília o cruzador Southampton, um destróier, um porta-aviões e danificaram seriamente o Melus. De resto nada de novo. Na América do Norte anda um discurso que leva à guerra[133].

18.01.1941

Dormi bem essa noite. Trabalho o dia todo nas plantas. Estão secando bem. Os filmes não estão muito bons. Só o Gevaert[134] está bom. Esperaram talvez muito tempo? Com esse material não dá para trabalhar. De tarde apareceu Steiner. Sachse. Fotografo. Pedi que me mandasse uma amostra, depois talvez fizéssemos uma troca. Ontem caiu uma chuva pesada. Meu Deus. Estou a Tua procura.

Novo. Rambo considerava o Arcebispo um renegado étnico (ABR).

131 O Pe. Träsel foi um padre diocesano, muito tempo pároco de Montenegro, amigo do Pe. Rambo e autor do livro "Der Maragattenkrieg", a "Guerra (ou Revolução) dos Maragatos" (ABR).

132 O Pe. Pio Buck foi um jesuíta suíço, amigo do Pe. Rambo e, como ele, professor no Colégio Anchieta, especializado no estudo de borboletas (Lepidópteros). Durante mais de trinta anos ele foi capelão do Presídio Central, enquanto este estava instalado na "Ponta da Cadeia", em Porto Alegre (ABR).

133 Estamos em começos de 1841, por assim dizer, no ponto alto e máximo dos sucessos alemães na Segunda Guerra Mundial. O Pe. Rambo, pelo visto, acompanhava com interesse o desenvolvimento do conflito, pois, como não poucos, nutria simpatias, não com o Nacional-Socialismo, mas com a Alemanha como nação e, não em último lugar, com a terra dos seus antepassados (ABR).

134 "Gevaert" foi uma marca famosa de filmes fotográficos, que fazia concorrência com "Agpfa" e "Kodak" (ABR).

Resumo da viagem:

Porto Alegre - Pelotas		300 km
Pelotas - Bagé[135]		228 km
Bagé[136] - São Sebastião		37 km
S. Sebastião - Cacequi		170 km
Cacequi - Santana	2x	334 km
Cacequi - Quaraí		230 km
Quaraí - Uruguaiana		120 km
Uruguaiana - Quaraí[137]	2x	108 km
Uruguaiana - Porto Alegre	7	34 km
Total		2369 km

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MARCHIORI, J.N.C.; ALVES, F. da S. O inhanduvá (*Prosopis affinis* Spreng.) no Rio Grande do Sul. Embasamento fitogeográfico e pendências terminológicas. *Balduinia*, Santa Maria, 2010. p. 1-11.

RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Of. Graf. da Imprensa Oficial, 1942. 360 p.

RAMBO, B. *A Fisionomia do Rio Grande do Sul*. Ensaio de Monografia Natural. Porto Alegre: Selbach, 1956. 456 p.

RAMBO, B. Leguminosae Riograndenses. *Pesquisas*, São Leopoldo, Botânica, n. 23, p. 1-166, 1966.

SCHULTZ, A. R. *Os nomes científicos e populares das plantas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: PUC/EMMA, 1975. 164 p.

135 Provável equívoco do autor, posto que ele passou a noite em Dom Pedrito (JNCM).

136 O autor pernoitou em Dom Pedrito, não em Bagé (JNCM).

137 Refere-se às viagens (ida e volta) de Uruguaiana a Barra do Quaraí (JNCM).



Balduíno Rambo em trabalho de campo com um amigo



Rambo em uma de suas viagens de avião pelo Rio Grande do Sul